

**TERRY
EAGLETON**

HUMOR

O PAPEL FUNDAMENTAL DO RISO NA CULTURA

Tradução de
Alessandra Bonrruquer

1ª edição


EDITORARECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11968-1

Seja um leitor preferencial

Record.

Cadastre-se em

www.record.com.br e receba

informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



Para Trevor Griffiths

SUMÁRIO

Prefácio

1. Sobre o riso
2. Zombadores e escarnecedores
3. Incongruidades
4. Humor e história
5. A política do humor

Notas

Índice

PREFÁCIO

Muitos estudos sobre o humor começam com a envergonhada admissão de que analisar uma piada é assassiná-la. Isso não é verdade. É fato que, se alguém quiser provocar riso, é imprudente contar a piada e dissecá-la ao mesmo tempo, do mesmo modo que se diz que alguns presidentes americanos eram incapazes de caminhar enquanto mascavam chicletes; mas não há muitos comediantes realizando uma pesquisa teórica sobre seus gracejos no momento em que os proferem. Os que fazem isso costumam ser encontrados nas filas de desempregados, não em clubes ou teatros. (Com certeza há exceções, como Stewart Lee, comediante brilhantemente original que desconstrói sua própria comédia enquanto a apresenta e analisa a resposta da plateia a ela.) Fora isso, o humor e a análise do humor são perfeitamente capazes de coexistir. Saber como uma piada funciona não necessariamente a sabota, assim como saber como um poema funciona não o arruína. Nessa e em outras questões, teoria e prática ocupam esferas diferentes. O conhecimento anatômico do intestino grosso não é obstáculo ao prazer de uma refeição. Ginecologistas podem ter uma vida sexual gratificante e obstetras podem se maravilhar com bebês. Astrônomos confrontados todos os dias com o status profundamente insignificante da Terra no universo não começam a beber ou se jogam de um penhasco, ao menos não por essa razão.

Nas prateleiras das livrarias, há muitos estudos sobre o humor notavelmente destituídos de humor. Alguns deles são cheios de gráficos, tabelas, diagramas, estatísticas e relatórios sobre experimentos em laboratório.¹ Um desalentado trio de pesquisadores científicos parece até

mesmo ter lançado dúvidas sobre a existência real das piadas. Também há, no entanto, comentários reveladores, alguns dos quais consultei para escrever este livro. Teorias sobre o humor podem ser tão úteis quanto teorias sobre a poligamia ou a paranoia, desde que sejam marcadas por certa modéstia intelectual. Como qualquer hipótese frutífera, elas precisam reconhecer seus próprios limites. Sempre haverá casos anômalos, enigmas não decifrados, consequências estranhas, implicações inconvenientes e coisas assim. Teorias podem estar repletas de discrepâncias e ainda produzir resultados produtivos, do mesmo modo que a fotografia desfocada de alguém pode ser melhor que nenhuma fotografia e que alguns trabalhos precisam ser feitos, mesmo que mal. O incomparável William Hazlitt citou o autor Isaac Barrow, que observou que o humor é “versátil e multiforme”, um fenômeno para o qual é impossível qualquer definição exaustiva:

Às vezes ele está localizado em uma pergunta maliciosa, uma resposta espertinha, um raciocínio esquisito, uma insinuação sagaz, uma objeção destramente evasiva ou habilmente restauradora; às vezes, está disfarçado em um ousado esquema oratório, uma ironia ácida, uma hipérbole robusta, uma metáfora surpreendente, uma reconciliação plausível de contradições, um nonsense aguçado [...] um olhar ou gesto mímico podem se passar por ele; a simplicidade fingida ou a franqueza presunçosa às vezes podem gerá-lo; às vezes, ele surge da descoberta casual de algo estranho; às vezes, da hábil condução de uma questão até seu propósito; frequentemente, consiste em algo que ninguém sabe o que é e surge de modo que ninguém pode prever [...]. Ele é, em resumo, uma maneira de falar de modo simples e claro [...] que, por uma rudeza bastante surpreendente de conceito ou expressão, afeta e diverte, transformando o refinamento em maravilha e delícia.²

Somente um teórico muito tolo tentaria espremer tudo isso em uma

única fórmula. Mesmo assim, o humor, como a poesia, não é apenas um enigma. É possível dizer algo relativamente convincente e coerente sobre por que rimos, embora caiba ao leitor julgar se consegui fazer isso nas páginas que se seguem.

T. E.
2017

1

SOBRE O RISO

“Eles riram quando eu disse que queria ser comediante. Bom, não estão rindo agora.”

Bob Monkhouse

O riso é um fenômeno universal, o que não significa que seja uniforme. Em um ensaio intitulado “The Difficulty of Defining Comedy” [“A dificuldade de definir a comédia”], Samuel Johnson observa que, embora os seres humanos sejam sábios de muitas maneiras diferentes, eles sempre riem do mesmo modo, mas isso é duvidoso. O riso é uma língua composta por uma imensa variedade de dialetos: cacarejar, cachinar, grunhir, berrar, rugir, gritar, arquejar, trovejar, zurrar, ganir, bramir, piar, gargalhar, bufar, uivar, guinchar. É possível dar risadinhas, rir entredentes, em silêncio, sarcasticamente, nervosamente e assim por diante. O riso pode surgir em explosões, picos, tempestades, rajadas, ondulações ou torrentes, pode ser ensurdecador, ressonante, fluido, serpeante ou lancinante. Há também diferentes maneiras de sorrir, de modo radiante, malicioso, desdenhoso, aberto, lascivo ou simplório. O sorriso é visual e o riso é primariamente aural, mas, quando T. S. Eliot escreve em *A terra desolada* sobre “uma risadinha de orelha a orelha”, ele